Espaço privado, espaço da mídia e opinião pública

Regina Glória Nunes de Andrade*

RESUMO

A comunicação midiática desperta a imaginação e ocupa um lugar de juízo crítico, sobretudo pela divulgação de situações particulares e íntimas. Neste artigo, trabalhamos com a hipótese de que a libido desloca-se para o social e se projeta sobre os meios de comunicação porque deles recebe estímulos e por eles é alimentada, condicionando a opinião pública.

Palavras-chave: atividades imaginativas; libido; opinião pública.

SUMMARY

The media communication wakes imagination up and takes up the place of critical judgement, mostly by disclosing private and intimate situations. In this article, we work with the hypothesis that the libido moves to the social and projects itself on the communication means because it receives stimulus from them and is fed by them, conditioning public opinion.

Keywords: imaginary activities; libido; public opinion.

RESUMEN

La comunicación mediática despierta la imaginación y ocupa un puesto de juicio crítico, sobre todo por la divulgación de situaciones particulares e íntimas. En este artículo, trabajamos sobre la hipótesis de que la libido se desloca para lo social e se proyecta sobre los medios de comunicación porque de ellos recibe estímulos y por ellos se alimenta, condicionando la opinión pública.

Palabras llave: actividades imaginativas; libido; opinión pública

Sigmund Freud escreveu um texto sobre a família do neurótico, que recebeu em português o título de “Romances familiares” [1908], no qual a família e os pais são super valorizados a ponto de o autor considerar que “estes constituem para a criança pequena a autoridade única e fonte de todos os conhecimentos. O desejo mais intenso e mais importante da criança nesses primeiros anos é igualar-se aos pais (isto é, ao progenitor do mesmo sexo), e ser grande como seu pai e sua mãe”. (1976, p.241) Esta seria, digamos, em âmbito geral, a reação comum da criança em sua família. Este primeiro estágio de identificação com os pais é considerado assexuado e dá origem à comunicação familiar.

O romance familiar seria o estágio seguinte, que favorece o afastamento dos pais, gerando o sujeito neurótico em função das barreiras criadas. Começa quando a criança percebe a diferença entre os papéis desempenhados pelo pai e mãe. Enquanto o primeiro é exaltado, a origem materna é posta em dúvida, o que faz com que a maternidade incerta contrarie a antiga expressão legal ‘pater semper incertus est’, e crie uma curiosa restrição. Estágio tratado como sexuado, vai propiciar à criança um processo imaginário ativo por meio do qual ela passa a fantasiar relações eróticas, cuja força motivadora é o desejo de colocar a mãe em situações de infidelidade secreta e casos de amor secretos.

Nenhuma outra influência foi valorizada por Freud, pois o mundo interno do sujeito é compreendido por ele como predeterminado pelas relações familiares. Mas, já havia uma alternativa de liberdade – neurótica, bem verdade –, que seria a necessidade de o sujeito se libertar

do jugo familiar através da imaginação. Dentro deste núcleo estaria formada a subjetividade, sobretudo no que diz respeito à autoridade única dos pais como fonte de todos os conhecimentos. Também são vividas as primeiras impressões de hostilidade fraterna, ou de rejeição aos pais ou dos pais, e outras tantas vivências que constituiriam os grandes mitos da história da sua própria família.

Freud chama a atenção para o fato de que nesse período está presente uma atividade imaginativa acentuada, voltada para dois objetivos principais: um erótico e outro ambicioso, e que ambos constituem os materiais necessários para a formação do neurótico, da individualidade e da subjetividade. Este modelo de família propõe uma intimidade discreta em que os relacionamentos passariam por um processo imaginativo, cujas fantasias ordenariam as relações entre os membros da família e cujos valores máximos seriam o segredo e a privacidade. Mesmo assim, a atividade imaginativa continua sendo o valor principal, que agora é deslocada para o social.

O que é importante ressaltar é que, de certa forma, a comunicação interna da família, baseada na intimidade, foi perdida e substituída por uma outra intimidade – com os meios de comunicação –, para qual a mídia tem lugar especial. Dessa forma, espera-se que a mídia catalise grande parte dos objetivos eróticos e ambiciosos destinados à família.

Contudo, o que significam objetivos eróticos e ambiciosos?

Em “Fantasias histéricas e sua relação com a bissexualidade” [1909], Freud analisa os devaneios ocorridos na infância como fonte comum e protótipo normal de todas as criações da fantasia, sendo

que os de natureza erótica são das mulheres e os ambiciosos e os eróticos são dos homens. Porém, a resposta é pouco esclarecedora. Por um lado, os objetivos poderiam ser representantes da força da libido em duas direções: de Eros e Tanatus – de vida e de morte. Por outro, poderiam ser as pulsões, que só aparecem em um ponto relativamente tardio da seqüência de seus trabalhos. Antes, eram utilizados termos como excitações, idéias afetivas, impulsos volitivos, estímulos endógenos para representar este conceito de pulsões.

Os princípios que acabamos de citar e que norteiam a família, tal como Freud a observava, vão sofrer modificações aceleradas no decorrer deste século. Inicialmente, cabe ressaltar quais foram as mudanças que ocorreram com a família a partir dos anos 60, porque é nesse período que ela perde seu papel regulador e firma um compromisso especial com o diálogo e com a comunicação. As reformas do processo institucional a que foi submetida trouxeram para cada indivíduo questões sobre a responsabilidade em relação a si mesmo e ao outro – sejam pais ou filhos. Mas isso fez desaparecer a intimidade do casal. Estudando ou observando as décadas de 70 a 90, nota-se que estes anos foram o palco de saída do segredo e do silêncio da vida privada.

Ao mesmo tempo, a comunicação valorizada pela mídia passa a ocupar um lugar de juízo crítico, sobretudo pela divulgação de situações particulares e íntimas. As transformações seguem-se e os anos 70 são protagonizados pela publicação da intimidade familiar e os anos 80 e 90 pela publicitação da vida íntima, privada e particular.

Este movimento leva-nos a crer que o erotismo e a ambição, antes vividos em família, encontram hoje outra via. A libido desloca-se para o social e se projeta sobre os meios de comunicação, para a mídia em geral, porque deles recebe estímulos e por eles é alimentada. O cinema, a televisão, a imprensa – e recentemente as novas tecnologias – passam a ser o receptáculo das atividades imaginárias, quer sejam sexuais ou não.

Até mesmo as mudanças na família abastecem de pautas a mídia. E particularmente os movimentos sociais de afirmação do indivíduo, como o feminismo, a luta homossexual, o direito ao aborto, os serviços de ajuda psicológica por tele-

fone, a popularização da psicoterapia individual e de grupo, as técnicas de corpo. Ehrenberg analisa que esses movimentos dão lugar a uma nova subjetividade no imaginário coletivo e produzem uma realidade cada vez mais dividida. (1995, p.233) Uma divisão que traz algo de estranho, de incompreensível, porque os temas são tão íntimos que se tem a impressão de que não deveriam estar ali,

O erotismo e a ambição, antes vividos em família, encontram hoje outra via. A libido desloca-se para o social e se projeta sobre os meios de comunicação, para a mídia em geral, porque deles recebe estímulos e por eles é

expostos, e sim discutidos ou resolvidos em família. A conseqüência direta é que a sociedade, mais do que a família, torna-se tolerante com as transgressões. Neste tempo, a educação familiar pulveriza-se e passa a sofrer importantes influências provenientes dos fatos sociais. Muitos podem lembrar-se dos inúmeros estudos realizados nos anos 60 e 70 sobre a perniciosa influência da televisão para crianças, famílias e casais, por exemplo, e que hoje não têm o menor sentido, já que essas notícias íntimas estão em todos os meios.

A opinião pública vai se construindo e se formando em outros moldes. Passa a ser mais tolerante, mais condescendente com todos os abusos. Além da invasão à vida privada, há criações de outros modelos, outros estilos de vida, embora este processo tivesse começado nos anos 30, quando Hollywood cunhou suas estrelas de cinema formatando um perfil de vida íntima a ser desejado pelo público. As pesquisas desenvolvidas para a tese de doutorado A cena iluminada (Andrade, 1988) – sobre as personagens femininas do Cinema Novo brasileiro – assinalam que o Star System não existiu no Brasil, especialmente no cinema nacional. Conseqüentemente, não havia por que invadir a vida privada dos atores e constituir uma opinião pública sobre eles.

Um bom exemplo é o da atriz Leila Diniz, que, apesar de ter tido uma vida

pública, revolucionando os modelos de comportamento feminino, tais como colocar a barriga de grávida à mostra, no final dos anos 60, sua vida particular só ficou conhecida após a sua morte. Ainda assim, a opinião pública só veio assimilar suas propostas ousadas anos mais tarde com o movimento de choque aos costumes, quando foram divulgados as novas propostas da atriz.

A televisão americana aplicou às suas personalidades e políticos a maneira hollywoodiana de tratar os seus atores, com as mesmas indiscrições. Formou-se, então, uma rede internacional de opinião pública e de modelos disputados palmo a palmo na mídia.

Por volta dos anos 50, os Estados Unidos inauguram a divulgação do aspecto privado do homem público. Sua imagem passa a ser fiscalizada e se imiscui nos escritórios ou nos templos da política, como é o caso do Congresso, ou na vida familiar do homem político, para mostrar o que é correto e o que não é na sua sexualidade.

Determinados padrões de comportamento público foram estabelecidos, e a mídia passou a desenvolver o controle moral sobre eles. Estrelas de cinema são modelos de prazer, de comportamentos adequados e também de desajustes. A mídia mundial passa a comentar estes eventos como se tivessem ocorrido ao lado de nossas casas. Bem mais tarde, com o uso da tecnologia, os escândalos de invasão de privacidade tornam-se banais e cotidianos, porém não deixam de provocar desastres, dos quais Water Gate é o mais famoso.

Recentemente, um misto de invasão de privacidade associada à opinião pública, tendo o presidente dos EUA como personagem principal, volta a chocar o mundo. Os meios de comunicação como um todo passam a acompanhar a vida privada de Bill Clinton com a avidéz de um folhetim ou de uma novela de televisão.

Privacidade e mídia

Refletindo sobre esses fatos, observamos que eles resultam de dois fenômenos. O primeiro é a conversão de inúmeros problemas privados em problemas políticos. O segundo, decorrente deste, é a promoção dos sistemas relacionais – em que se destacam a psicanálise e o desenvolvimento de terapias corporais

- e divulgações sobre a vida sexual, incentivando-se a sensibilidade de si próprio como movimento de vanguarda. Ressalva-se que a psicanálise sempre apostou no segredo e na proteção da vida privada, pelo menos do paciente.

No ensaio "Sobre o início do tratamento", em que Freud discorre sobre a técnica da psicanálise, a proposta da privacidade é clara: "certos pacientes querem que seu tratamento seja mantido secreto, freqüentemente porque mantiveram secreta sua neurose, e não lhes ponho obstáculos. O fato de que, em conseqüência disso, o mundo nada saiba de algumas das curas mais bem sucedidas é, naturalmente, consideração que não pode ser levada em conta". ([1913], p.179)

Freud afirma claramente que prefere não avançar na ciência a expor os segredos de seus pacientes. Entretanto, temos de considerar, de um lado, a manipulação da psicanálise feita eventualmente pelos próprios pacientes. E, de outro, esta observação aponta para a invasão da comunicação de massa em todos os setores da vida privada, inclusive nos consultórios e nas matérias palpitantes sobre psicanálise, que sempre foi associada a sexo. Nunca se leram tantos artigos em jornais e revistas populares sobre os temas sexualidade, sonhos, transferência, neuroses, quanto a partir dos anos 70. Hoje, registra-se menos interesse sobre estes assuntos.

Opinião pública

É certo que diversas instituições foram responsáveis pela invasão da privacidade, em vários níveis. Nos anos 60 e 70, houve especialmente a pressão do Movimento de Liberação Feminino (MLF), expondo o sofrimento corporal das mulheres resultante de violências sexuais e reivindicações de direito ao prazer. Os anos 80 trazem a legitimidade do Movimento Gay e, mais adiante, a prevenção da AIDS inicialmente ligada à homossexualidade e, mais tarde, à sexualidade em geral, que ficam expostas na mídia. A opinião pública, curiosa, viu-se confusa e em busca de maiores explicações.

Recentemente no Brasil a imprensa investigou detalhes da vida de um serial killer, apelidado de "moto-boy". Este rapaz matou várias jovens, que eram atraídas para um parque público em São

Paulo, para depois serem estupradas e/ou assassinadas por ele. As reportagens foram divulgadas durante as eleições presidenciais e para governadores dos estados. Além de desviar a atenção do interessante momento político, parecia que a imprensa tentava conduzir a opinião pública para uma comparação entre o criminoso brasileiro e o escândalo de Bill Clinton.

A principal conseqüência da invasão de privacidade sempre é uma mobilização da opinião pública e, no caso dos escândalos familiares, a desmistificação da família como instituição protetora. Outro abalo que pode daí decorrer é a dissociação entre privacidade e vida pública.

Divulgou-se, no início dos anos 80, a convicção de que estávamos diante da aparição de um novo modelo cultural, cujo centro difusor eram os meios de comunicação de massa. A vida particular tornou-se um objeto de luxo. Neste momento áreas díspares - semiótica, lingüística, psicanálise - reivindicaram um autêntico corte epistemológico dentro das ciências sociais, indicando seus méritos à mídia.

Para caracterizar a nova área de estudo, a maioria dos autores separou a comunicação interpessoal da comunicação de massa, distinção que provocou uma série de equívocos, porque associou a psicologia à intimidade e deixou os estudos da comunicação sem estatuto definido. Com efeito, sempre houve na comunicação de massa um clima que privilegia a expressão das relações latentes e subjacentes (por que não dizer inconscientes?), cuja interpretação técnica exerce grande influência sobre o pensamento de amplos setores da população. Por vezes, a análise de psicanalistas sobre determinados eventos sociais é fundamental para a compreensão dos consumidores da informação - e do espetáculo. Pior ainda: alguma vezes justificou eventos sem sentido, como crimes, violência social. Felizmente, a mídia - em especial os jornais - tem procurado mais a opinião de especialistas sobre os assuntos do que os generalistas do poder psíquico.

Para pesquisas em comunicação, que têm como ferramenta conceitos da psicanálise, são relevantes os aspectos ideais intrínsecos à área, de maneira generalizada. Os conteúdos e mensagens, assim como suas formas

de criação e difusão, mostram-se como um grande campo de análise dos efeitos intencionais e não-intencionais da cultura implícita. Não há mais dúvidas de que a difusão das mensagens de comunicação de massa produzem o que chamamos de 'materiais', 'conteúdos', 'significantes' nos campos confusos da consciência e do inconsciente.

Esta convicção tem propiciado uma ampliação de pesquisas que reforçam a opinião da pesquisadora Blanca Muñoz. Para a autora, definitivamente, as crenças morais, as categorias do pensamento coletivo, a ideologia, os comportamentos religiosos são explicados pela sua estreita interdependência nas constantes comunicativas. (1995)

As questões de invasão da vida privada e cotidiana estão influenciadas pelas novas tendências da sociedade. Lipovetsky (1994) assinala duas novas correntes em nossa sociedade. Uma delas intensifica o culto consumista regido pelo hedonismo e pelo culto individualista do presente; a outra privilegia a gestão racional do tempo e do corpo, ou o profissionalismo em todas as áreas, pela obsessão da excelência, qualidade de saúde e higiene. Ora, ambas podem ser consideradas extremamente invasivas à privacidade do sujeito. Provocam uma "descartabilidade" íntima e estimulam a onipotência.

As manifestações imaginárias só podem ser compreendidas por meio de novos postulados de desconstrução oferecidos pelos trabalhos de análise textual, para os quais o conhecimento do inconsciente é fundamental para o avanço dos estudos sobre as imagens. A partir da valorização dos fatos, a comunicação transformou a informação em espetáculo; o princípio de neutralidade obriga a mídia a expor vários pontos de vista, informando tudo ao público para que ele forme suas opiniões. Há uma sutileza neste movimento midiático: a informação passa a ser uma mercadoria e sob estas condições oferece uma ambigüidade na qual neutralidade e sensacionalismo estão tão presentes quanto a objetividade e espetacularidade. Um dos exemplos mais claros deste fenômeno é a televisão, que abusa das imagens chocantes, dos escândalos, da violência exacerbada, produzindo uma vida cotidiana hiper-realista e emocionante.

Se considerarmos a importância dos meios de divulgação ou das normas de comunicação eletrônica, ficaremos diante de dois fatos novos. O primeiro diz respeito a uma nova maneira de encarar os dados do imaginário; e o segundo coloca-nos frente a frente com novos pressupostos de ética e moral.

Conclusões

Seria justo dizer que a mídia não respeita a privacidade do indivíduo? Ou que a invasão é resultado dos próprios artifícios da comunicação? Será que a frase de Andy Warol – de que todos gostaríamos de ser famosos pelo menos por cinco minutos – é uma evidência de que fama não tem relação direta com a falta de privacidade?

Exibir sua vida íntima por cinco minutos não deve ser tão atrativo quanto ser famoso pelo mesmo tempo. Neste ponto, surge uma ambigüidade cruel porque a própria tecnologia nos expõe. O uso indiscriminado do telefone celular nos faz dividir a intimidade de um cidadão desconhecido, sem pudor algum. A tecnologia nos arrasta para a invasão através dos novos meios de comunicação, como e-mail, Internet e sites como o WWW.

Mas não são só as figuras públicas que expõem sua privacidade. As religiões com seus cultos, seus ritos, suas crenças, já foram de domínio privado e íntimo. Hoje, a religião eletrônica abusa dos problemas psicológicos e provoca verdadeiras expiações públicas, que vão ao ar sem nenhum critério seletivo. Quanto mais íntimo, promíscuo e grotesco for uma confissão pública, mais valor ela terá, porque poderá atrair mais público ou mais pessoas que queiram fazer parte desta crença.

De fato há a exploração de territórios sem fronteiras e de espaços na vida cotidiana que pouco definem o público e o privado ou mesmo que os confundem. Espaços denominados por Jameson, em *Limites do pós-moderno*, de terra-de-ninguém, que fazem lembrar as utopias de Terra em transe (1966), de Glauber Rocha, mas que nem chegam a assustar, pois “tais concepções da terra-de-ninguém não devem ser tomadas como pesadelo: elas não apresentam, como é sugerido anteriormente, nada da alteridade austera da clássica fantasia distópica, e a própria libertação do terror estatal confere à violência dessa terra-de-ninguém

o valor de um tipo diferente de práxis – exitação antes que medo –, cujo espaço de aventura substitui a antiga paisagem medieval do romance, com um espaço infinito plenamente construído e pós-urbano, onde a propriedade corporativa de algum modo aboliu a antiga propriedade privada individual sem se tornar pública”. (Jameson, 1995, p.198)

E se o desvelamento da privacidade é só um mal de fin de siècle que veio para transformar nossas vidas, para que sejam entregues à atividade imaginativa dos que estão próximos, só nos resta nos rendermos à ficção imaginária do cotidiano e daí esperar saber se viver será uma realidade sustentável ou uma imaginária leveza insustentável dos tempos atuais.

Bibliografia

- ANDRADE, Regina. A cena iluminada. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 1988.
- EHRENBERG, Alain. L'individu incertain. Paris: Calmann-Lévy, 1995.
- FREUD, Sigmund. Obras completas. Rio de Janeiro: Imago, 1972.
- _____. “Romance familiar”. Op.cit., vol.IX, [1908].
- _____. “Fantasias históricas e sua relação com a bissexualidade”. Op.cit., vol.IX, [1909].
- _____. “Sobre o início do tratamento”. Op.cit., vol.XIII, [1913].
- _____. “Sobre Narcisismo”. Op.cit., vol.XIV, [1914].
- _____. “As pulsões e suas vicissitudes”. Op.cit., vol.XIV, [1915].
- JAMESON, Fredric. Espaço e imagem. Teoria do pós-moderno e outros ensaios. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1995.
- LIPOVETSKY, Gilles. O crepúsculo do dever: a ética indolor dos novos tempos democráticos. Portugal: Publicações Dom Quixote, 1994.
- MUÑOZ, Blanca. Teoría de la pseudocultura. Estudios de sociología de la cultura y de la comunicación de masas. Espanha: Editorial Fundamentos Colección Ciencia, 1995.

* Regina Glória Nunes de Andrade é Psicanalista, Doutora em Comunicação pela ECO/UFRJ e Professora do Mestrado de Psicologia da UERJ.